

Aspectos de variação sintáctica no *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI)¹

1. Introdução

Ainda que só muito raramente a variação sintáctica tenha sido contemplada nos projectos de geografia linguística tradicionais ou nos estudos dialectais em geral, desde sempre mais dedicados ao léxico ou à fonologia, a área de estudos da sintaxe dialectal tem vindo a desenvolver-se nas últimas décadas. Os avanços conceptuais, empíricos e metodológicos neste domínio são hoje reconhecidos e evidentes em projectos vários que, desde os anos 90 do século XX, em paralelo ou em rede, têm articulado o estudo da sintaxe com os estudos dialectais (cf. informação mais detalhada reunida no âmbito do projecto *Edisyn* e disponibilizada em <www.dialectsyntax.org>).

Neste contexto, revestem-se de especial interesse os materiais de atlas linguísticos tradicionais que de alguma forma consideraram questões de ordem sintáctica ou morfo-sintáctica, permitindo assim integrar hoje outros contributos geolinguísticos nos estudos de sintaxe dialectal. Do conjunto dos atlas linguísticos tradicionais do século XX, o ALPI constitui quase uma excepção, pela quantidade de materiais morfo-sintácticos que integra. Este atlas abre assim uma via importante de acesso a dados geolinguísticos sistematizados, datados de meados do século (1932-1954), para estudo da sintaxe dialectal no domínio ibero-românico (cf. Sousa 2011).

No presente trabalho, centramo-nos num conjunto de questões morfo-sintácticas do ALPI, importantes no plano da variação linguística ibero-românica (nomeadamente, questões sobre a forma e a colocação dos pronomes pessoais átonos e sobre a distribuição sintáctica das formas verbais de gerúndio), apresentando leituras cartográficas da variação morfo-sintáctica que os dados do ALPI revelam em dados do território ocidental da Península Ibérica. Num primeiro momento, na secção 2, contextualizamos o estudo da morfo-sintaxe no âmbito do ALPI. Em seguida, na secção 3, fazemos uma breve apresentação dos fenómenos de variação morfo-sintáctica que aqui estudamos a partir de materiais do ALPI no território considerado. Na secção 4, apresentamos a leitura cartográfica da variação morfo-sintáctica encontrada. Por fim,

¹ Este trabalho beneficiou de financiamento de: FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do programa Incentivo 2013 e do projecto PEst-OE/LIN/UI0214/2013 (E. Carriho); Consellería de Cultura, Educación e Ordenación universitaria no âmbito do programa Consolidación e estruturación de unidades de investigación competitivas GRC2013-040 (X. Sousa).

a secção 5 apresenta breves considerações sobre o contributo do ALPI para o estudo geolinguístico da variação morfo-sintáctica no domínio ibero-românico.

2. Questões de morfo-sintaxe no Atlas Lingüístico de la Península Ibérica

No que respeita a sintaxe, o ALPI é especial entre os estudos de geografia linguística da primeira metade do século XX. Concebido segundo o modelo do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), visava a produção de um atlas linguístico das variedades românicas faladas na Península Ibérica, Ilhas Baleares e na região do Rossillon francês, de fala catalã. Um dos seus principais objectivos era assim o de permitir comparar a evolução do latim falado nas diferentes partes do território ibérico. O levantamento de dados de interesse morfo-sintáctico no âmbito deste projecto geolinguístico torna este atlas único no seu género e no seu tempo.

O ALPI veio a lume sob a iniciativa de Ramón Menéndez Pidal, figura fundamental na renovação dos estudos filológicos e linguísticos na Espanha do século XX, e foi um dos seus discípulos, Tomás Navarro Tomás, que dirigiu os trabalhos. Ainda que a planificação do projecto date do início do século XX, os primeiros inquéritos realizaram-se apenas em 1932. Foram inquiridas, a partir de então, 529 localidades rurais, numa extensão territorial dividida em três áreas de trabalho (ocidental, central e oriental), cada uma das quais investigada por especialistas das variedades aí faladas (entre eles, respectivamente, Aníbal Otero e Luís F. Lindley Cintra, Lorenzo Rodríguez Castellano e Aurelio M. Espinosa Jr., e Fracesc de B. Moll e Manuel Sanchis Guarner). Os dados então registados pelo ALPI são representativos do informante típico dos estudos dialectais tradicionais: idoso, homem, local, rural e analfabeto (ou com baixo nível de escolarização). Vicissitudes várias, muitas das quais decorrentes dos tempos em que o ALPI foi concretizado no terreno (iniciado uns anos antes da Guerra Civil espanhola e da Segunda Grande Guerra), levaram a que os trabalhos se estendessem até 1954 e que apenas um primeiro volume, de mapas fonéticos, fosse publicado, em 1962.

Presentemente, o conjunto dos materiais do ALPI encontra-se em elaboração para disponibilização de um recurso electrónico *online*, no âmbito de um projecto inter-universitário coordenado por Pilar García Mouton, no Consejo Superior de Investigaciones Científicas (cf. García Mouton 2010; García Mouton *et al.* 2012).²

Embora corresponda a um questionário tradicional, inspirado pelo modelo do ALF, o questionário do ALPI contempla também, além das predominantes questões de léxico e de fonética, um número importante de perguntas morfo-sintácticas, reunidas no primeiro dos dois cadernos de inquérito do ALPI. No final do caderno I, o

² Integram esta equipa Inés Fernández-Ordóñez (Universidad Autónoma de Madrid), David Heap (University of Western Ontario), Maria Pilar Perea (Universidad de Barcelona), João Saramago (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e Xulio Sousa (Instituto da Língua Galega da Universidad de Santiago de Compostela).

questionário inclui uma lista de perguntas morfo-sintáticas - questões nºs 252 a 262, 277 a 282 e 310 a 411, das quais se apresentam exemplos abaixo:

- (1) (a) Questão 252: Cada uno debe pagar sus deudas
- (b) Questão 280: A ninguna le agrada ponerse ropa de otra
- (c) Questão 320: Trajeron la harina al forno.
- (d) Questão 350: A Miguel le cogieron preso.

Uma secção de “Notas de orientação fonética”, no início do caderno, apresenta interesse também para a sintaxe, uma vez que implica respostas que exigem combinações de palavras em sintagmas (e.g. A3, p.4. *Lo sacó del pozo*).

Assim, de entre o conjunto de 1 239 questões deste atlas, 136 perguntas incidem sobre aspectos morfo-sintáticos, face a 275 questões fonéticas, igualmente no caderno I, e a 828 questões lexicais, que constituem o caderno II. A morfo-sintaxe ocupa, portanto, cerca de um terço do caderno I, característica a destacar no confronto do ALPI com outros atlas do seu tipo e do seu tempo.

Do método de inquirição usado para aplicação de tais questões, aspecto metodológico importante, não sabemos muito. O director do projecto e autor do questionário refere a aplicação do método indirecto, mesmo para questões morfológicas e sintáticas. Um dos inquiridores, o valenciano Manuel Sanchis Guarner, salienta as dificuldades de tal método: «Todas las preguntas han sido hechas indirectamente, incluso las de las frases para el estudio de la morfología y la sintaxis, a veces penosas de obtener» (Sanchis Guarner 1953, 6). As dificuldades da tarefa deixam-se adivinhar, tendo em conta que os inquiridores teriam de descrever uma situação ou sugerir um contexto em que o informante pudesse produzir um sintagma ou uma frase igual ou equivalente à questão prevista.

3. As questões morfo-sintáticas em estudo

Para o presente trabalho, consideramos os materiais do ALPI recolhidos no Oeste peninsular³ em quatro questões que incidem sobre aspectos de variação sintáctica no domínio ibero-românico, alguns dos quais manifestando variação também ao nível das variedades regionais. O Quadro 1 apresenta as questões aqui consideradas (primeiras colunas), associando-as aos tópicos de variação morfo-sintáctica que exploramos neste trabalho (coluna 3), brevemente descritos em seguida. A coluna 4 do Quadro 1 identifica o mapa linguístico que, na secção 4., adiante, representa cartograficamente os dados obtidos para cada tópico no território em estudo.

³ Sobre a delimitação do território considerado, vide secção 4.

Q. nº	Questão	Tópico de variação morfo-sintáctica	Mapa
352	<i>Al padre le vieron <u>llorando</u></i>	Distribuição sintáctica de gerúndio	6
354	<i><u>Me</u> pedieron que <u>les</u> ayudase</i>	Posição de pronome átono (em declarativa não dependente - <i>me</i>)	1
		Alternância de caso do complemento (<i>les</i>)	4
357	<i>Tráete los candiles para echar<u>les</u> aceite</i>	Posição de pronome átono (em infinitiva preposicionada)	2
		Sincretismo de número no pronome dativo	5
363	<i>La desuncen para no cansar<u>la</u></i>	Posição de pronome átono (em infinitiva preposicionada com negação)	3

Quadro 1. Questões ALPI em estudo

3.1. Posição dos pronomes átonos

A posição ocupada pelos pronomes pessoais átonos constitui uma área de reconhecida variação entre as línguas românicas. Os padrões de colocação destes pronomes nas diferentes línguas deve ser considerado em estrita dependência do contexto sintático de ocorrência do pronome. Como referência para a identificação de variantes presentes nos dados do ALPI analisados nas questões 354, 357 e 363, lembramos aqui os principais contrastes no território linguístico do Ocidente peninsular, tendo em conta a colocação pré-verbal (proclítica) ou pós-verbal (enclítica) do pronome nos contextos ilustrados pelas questões ALPI que aqui consideramos.

Assim, os exemplos em (2) representam a colocação pronominal em contexto de frases declarativas afirmativas não-dependentes (cf. Q. 354), contexto em relação ao qual o espanhol (2d), que apresenta próclise, contrasta com o asturiano (2c), o galego (2b) e o português (2a), enclíticos.

- (2) (a) pt. A Maria viu-me no mercado
 (b) gl. María viume no mercado
 (c) ast. María viome en mercáu
 (d) esp. María me vio en el mercado

Os exemplos em (3) ilustram a colocação pronominal num contexto dependente definido por uma oração infinitiva introduzida por *para* (cf. Q. 357). Neste contexto de infinitivo preposicionado, algumas línguas românicas proclíticas apresentam ênclise ao infinitivo (como é aqui o caso do asturiano e do espanhol); o português e o galego apresentam, em tal contexto, também a possibilidade de próclise ao infinitivo:

- (3) (a) pt. Temos tempo para o fazer / para fazê-lo
 (b) gl. Temos tempo para o facer / para facelo
 (c) ast. Tenemos tiempo pa faelo
 (d) esp. Tenemos tiempo para hacerlo

A par da Q. 357, a Q. 363 contempla um contexto que pode introduzir variação adicional na colocação do pronome em oração infinitiva preposicionada de *para*, pela co-ocorrência com a negação.

3.2. Alternância de caso do complemento

A Q.354 oferece adicionalmente contexto para, a partir da forma que o pronome complemento de «ayudase» assume, de caso acusativo ou dativo, obtermos informação geolinguística relacionável com a alternância de caso no complemento de determinados verbos, matéria fértil em variação peninsular. Os exemplos em (4) ilustram as opções das variedades padrão do Ocidente peninsular:

- (4) (a) pt. Ajudo-o no seu trabalho [acusativo]
 (b) gl. Axúdoo no seu traballo [acusativo]
 (c) ast. Ayúdo-y en el so trabayu [dativo]
 (d) esp. Le ayudo en su trabajo [dativo]

3.3. Sincretismo de número no pronome dativo de terceira pessoa

A Q. 357 permite ainda considerar um aspecto de variação morfo-sintáctica pronominal nas variedades ibero-românicas: a distinção de número (plural vs. singular) nas formas pronominais de terceira pessoa, em dativo. Neste caso, ainda que as variedades padrão manifestem morfologicamente a distinção entre a forma de singular e a forma de plural, em todas as pessoas (cf. Quadro 2), as variedades não-padrão do território considerado nem sempre conservam esta distinção de número na terceira pessoa.

Pessoa	Singular	Plural
1	pt. me, gl. me, ast. me, esp. me	pt. nos, gl. nos, ast. nos, esp. nos
2	pt. te, gl. che, ast. te, esp. Te	pt. vos, gl. vos, ast. vos, esp. os
3	pt. lhe, gl. lle, ast. -y, esp. le	pt. lhes, gl. lles, ast. -yos, esp. les

Quadro 2. Pronomes pessoais em dativo (distinção de número)

Assim, por exemplo, em variedades não-padrão de português, «lhe» pode ser usado com referência plural:

- (5) Eu já lhe disse a eles para eles lho darem.

[Corpus CORDIAL-SIN, Moita do Mar-tinho – MTM15]

3.4. *Distribuição sintáctica do gerúndio: em complementos de verbos perceptivos*

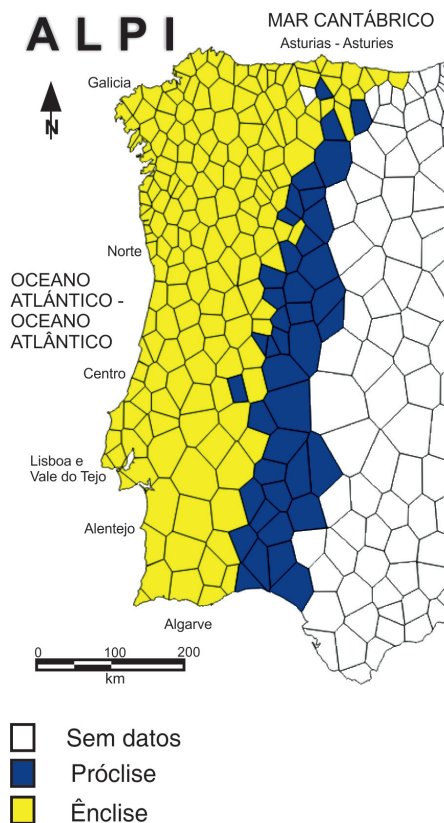
O último aspecto de variação morfo-sintáctica considerado diz respeito ao contexto em que pode ocorrer o gerúndio. Em particular, a Q. 352 permite considerar a variação, existente nas línguas do Ocidente peninsular, entre gerúndio e «a+infinitivo» em contexto de complemento de um verbo perceptivo, ilustrado em (6).

- (6) (a) pt. Viram-no a chorar
 (b) gl. Vírono chorando
 (c) ast. Viéronlu llorando
 (d) esp. Le vieron llorando

4. Cartografia morfo-sintáctica de materiais do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica

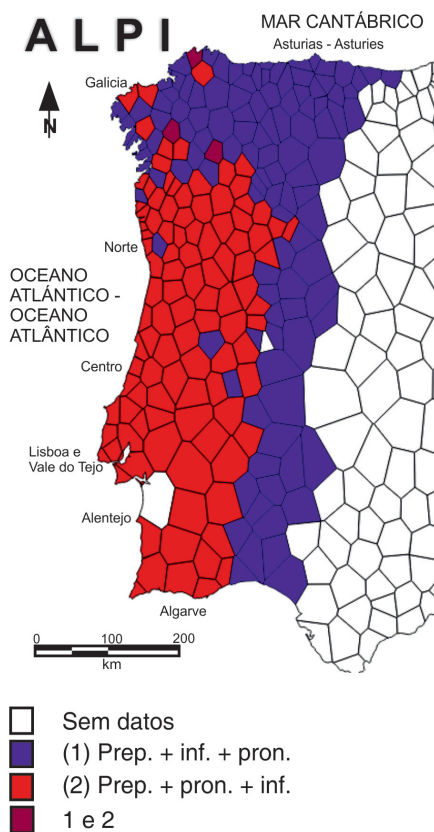
Para a realização dos mapas apresentados abaixo, relativos aos aspectos morfo-sintácticos enunciados, foram analisadas as respostas dos cadernos de inquérito do ALPI num conjunto de 230 localidades da faixa ocidental da Península Ibérica. As localidades consideradas correspondem aos territórios galego (pontos ALPI 100-151), português (pontos 200-292), asturiano e uma faixa a sul das Astúrias, limítrofe de toda a fronteira oriental portuguesa (pontos 300-377 e 517-522).

4.1. Aspectos da posição dos pronomes átonos

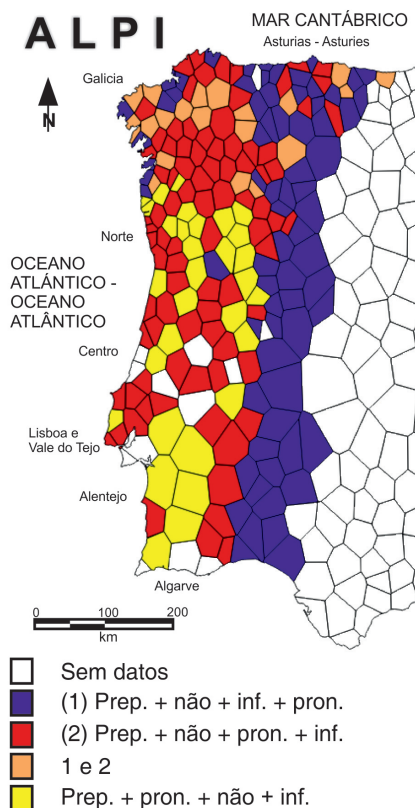


Mapa 1. Posição do pronome «me» em declarativa afirmativa independente
(Q. 354 Me pedieron que les ayudase)

No que diz respeito à colocação pronominal em contextos de frase declarativa afirmativa não-dependente, os materiais da Q. 354 representados no Mapa 1 revelam, quase integralmente (com excepção da zona norte), o limite entre duas faixas de distribuição paralela, nas quais a ênclise ocupa o território mais ocidental. Desta distribuição, ressalta a coincidência com os padrões de colocação característicos das diferentes línguas do território considerado (ênclise em português, galego e asturiano, próclise em espanhol).



Mapa 2. Posição do pronome «les» em contexto de infinitivo
(Q. 357 Tráete los candiles para echarles aceite)



Mapa 3. Posição do pronome «la» em contexto de infinitivo com negação
(Q. 363 La desuncen para no cansarla)

A oposição entre áreas muda de configuração quando o contexto de colocação do pronome átono envolve uma forma verbal de infinitivo em oração introduzida pela preposição «para» - «echar» na Q. 357 (Mapa 2). Pelos dados recolhidos no ALPI e representados no Mapa 2, neste contexto, o padrão de colocação pronominal surge parcialmente invertido em relação ao Mapa 1: a faixa mais ocidental da Península (neste caso com exclusão de uma parte da Galiza) apresenta próclise (tipo «para»+pronome+infinitivo), em contraste com a faixa oriental e norte do território considerado, que regista ênclise (tipo «para»+infinitivo+pronome). Esta distribuição revela, no entanto, algumas quebras de homogeneidade, em cada uma das áreas, sobretudo no território mais ocidental (Portugal e Galiza).

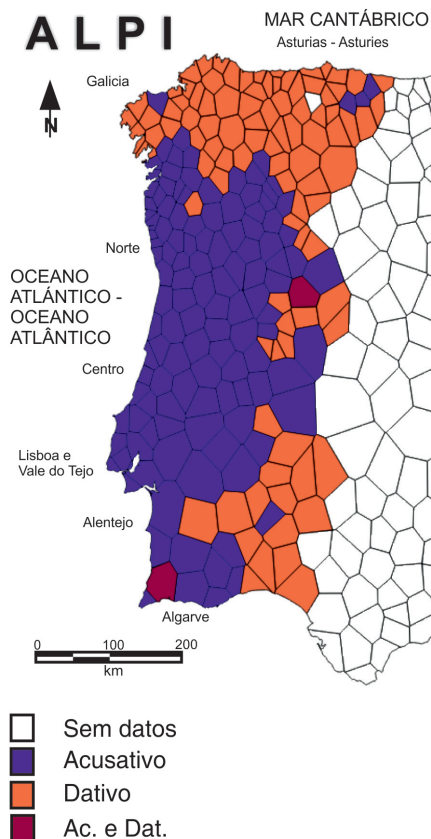
A fragmentação da unidade da faixa mais ocidental encontrada no Mapa 1 é apenas aparente no Mapa 3, que regista dados sobre colocação do pronome em contexto de oração infinitiva preposicionada negativa. Com efeito, uma leitura geral de distribuição de padrões de ênclise e próclise neste contexto, relativamente à Q. 363 do ALPI («... para no cansarla»), deixa ver uma oposição geral entre a zona mais oriental, com ênclise (tipo «para»+negação+infinitivo+pronome, representado a azul), e uma faixa ocidental, de sul a norte, que apresenta próclise (tipos «para»+negação+pronome+infinitivo e «para»+pronome+negação+infinitivo, representados no Mapa 3 em vermelho e amarelo, respectivamente). Em comparação com o Mapa 2, a presença da negação nos dados do Mapa 3 está associada a uma distribuição mais vasta para Norte (e com manifestações também no território asturiano) do tipo proclítico característico da faixa ocidental em contextos infinitivos preposicionados.⁴

Por outro lado, a aparente heterogeneidade de respostas registadas no território português regista um tipo particular de colocação pronominal, dentro do padrão proclítico: a colocação de interpolação, que se caracteriza, nos dados do Mapa 3, pela presença da negação entre o pronome e o verbo (dados representados a amarelo).⁵

⁴ O efeito da negação na colocação pronominal em contexto de infinitivo parece não ser exclusivo destas orações preposicionadas: embora o padrão de colocação pronominal com infinitivo seja normalmente enclítico, a negação permite em alguns contextos a alternância entre padrão enclítico e proclítico (cf. Álvarez/Xove 2002, 567).

⁵ Se, por um lado, estes dados não dão conta da interpolação que também pode ser registada em galego (Álvarez/Xove 2002, 567, i.a.), é de salientar que os dados recolhidos pelo ALPI no território português, de meados do século XX, permitem corroborar generalizações que só recentemente reconheceram a distribuição da interpolação por todo o território português (cf. Magro 2007).

4.2. Alternância de caso de pronome complemento

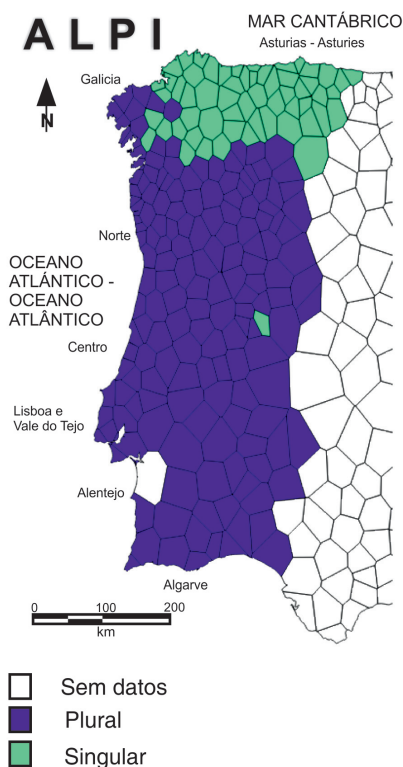


Mapa 4. Caso do pronome complemento de «ayudase»
(Q. 354 Me pedieron que les ayudase)

O Mapa 4 permite uma visualização da alternância pronominal entre complemento indirecto e complemento directo que alguns verbos permitem (cf. entre outros, Fernández-Ordóñez, 1999). Assim, a variação entre dativo e acusativo registada nos dados da Q. 354 corresponde a variação geral na forma do complemento de «ayudase». O mapa apresenta um padrão de distribuição visivelmente interrompido pelos limites territoriais considerados neste trabalho, permitindo extensões previsíveis para o centro peninsular. De qualquer forma, da distribuição de dados registada no Mapa 4, destaca-se, por um lado, a ausência do padrão de complemento dativo em quase

todo o território português e na parte sul do território de fala galega e, por outro, a homogeneidade de uma área compacta da Galiza às Astúrias que, com excepção de três pontos na zona asturiana oriental, tem o dativo como única opção.

4.3. Pronome dativo de terceira pessoa do plural

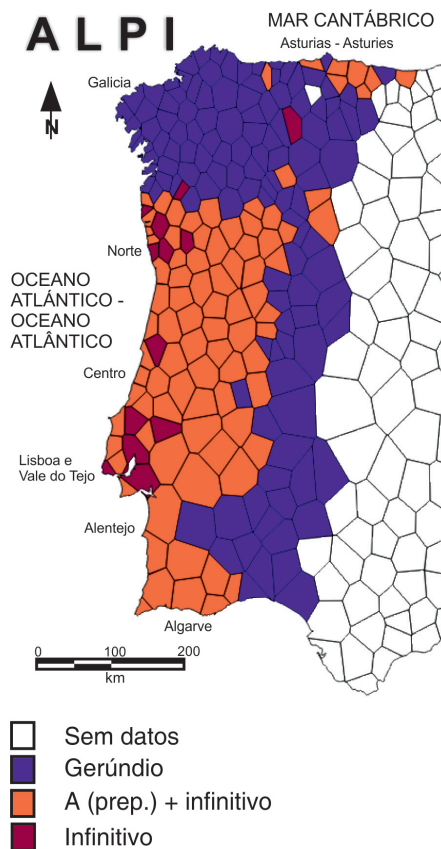


Mapa 5. Marcação de plural no pronome dativo de terceira pessoa
(Q. 357 Tráete los candiles para echarles aceite)

Ainda a partir de dados pronominais, o Mapa 5 permite visualizar o início de traçado possível de áreas peninsulares na marcação morfológica de número (singular/plural) nas formas pronominais de dativo de terceira pessoa. Assim, a uma área norte de realização morfológica do plural, opõe-se uma área predominante de realização do pronome de referência plural sob a forma do singular. A extensão de uma possível área

de sincretismo de formas de singular e plural surge assim aqui registada para a maior parte do território considerado, com excepção de uma menor área a norte de expressão possivelmente mais central (excluindo, portanto, o litoral ocidental da Galiza).

4.4. *Gerúndio em complemento de verbo perceptivo*



Mapa 6. Gerúndio vs. «a+infinitivo» em complemento de «ver»
(Q. 352 Al padre le vieron llorando)

Por fim, o último mapa que apresentamos, considera os dados de ocorrência de uma forma de gerúndio num contexto de complemento de verbo perceptivo, o verbo «ver» na Q. 352. Os dados recolhidos para o ALPI registam aqui a variação possível entre gerúndio e «a+infinitivo», entendidos como formas de construção equivalen-

tes, além de outras manifestações próximas, mas não equivalentes semanticamente (infinitivo simples). Com exceção destas formas não equivalentes, representadas a vermelho, o Mapa 6 desenha um contraste importante entre a quase totalidade do território português (tipo «a+infinitivo») e os outros domínios (tipo gerúndio), com exceção de uma área oriental no asturiano, que também apresenta manifestações de «a+infinitivo». No território português, é também de salientar a ocorrência da variante de gerúndio dentro de uma área meridional que reconhecidamente apresenta, noutros contextos, alternância de gerúndio face a «a+infinitivo» (cf. Carrilho / Pereira 2011).

5. Considerações finais

A síntese cartográfica aqui apresentada permite reconhecer a relevância dos materiais geolinguísticos tradicionais nos estudos de sintaxe dialectal correntes, para os quais é de extrema importância o recurso a extensas bases de dados, geograficamente distribuídas, e sistematicamente organizáveis e comparáveis. Os resultados da geografia linguística garantem o acesso a uma plataforma empírica que, em certa medida, assegura essa sistematicidade e comparabilidade. Para o estudo da sintaxe dialectal no domínio ibero-românico, o ALPI é recurso importante a explorar, oferecendo hoje uma via de acesso única a dados comparativos da sintaxe das variedades românicas da Península Ibérica de meados do século XX.

As dificuldades metodológicas específicas da recolha de dados morfo-sintácticos, explicitamente reconhecidas para os trabalhos de inquérito do ALPI, terão certamente deixado vestígios em alguns dos resultados registados. No entanto, como a síntese aqui apresentada permite evidenciar, os materiais do ALPI oferecem ainda assim uma visualização relevante da distribuição geográfica de variantes morfo-sintácticas na faixa ocidental da Península Ibérica. Desta visualização, sobressaem, além dos padrões claramente contrastantes, e esperados, do confronto de variedades historicamente diferenciadas, também fenómenos de variação sintáctica espacial menos conhecidos, assim como a permeabilidade de certas variantes de natureza sintáctica a fronteiras comumente reconhecidas.

Universidade de Lisboa

Ernestina CARRILHO

Universidade de Santiago de Compostela

Xulio SOUSA

Referências

- ALF = Gilliéron, Jules / Edmont, Edmond, 1902-1910. *Atlas linguistique de la France*, Paris, Champion.
- ALPI = 1962. *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*, vol. 1, *Fonética*, Madrid, CSIC.
- Alvarez, Rosario / Xove, Xosé, 2002. *Gramática da lingua galega*, Vigo, Editorial Galaxia.

- Carrilho, Ernestina/Pereira, Sandra, 2011. «Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em Português europeu», *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, Lisboa, APL.
- CORDIAL-SIN = Martins, Ana M. (coord.), 2000-. *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
〈www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus〉
- Edisyn = Barriers, Sjef (coord.) *European Dialect Syntax*, Meertens Institute.
〈www.dialectsyntax.org〉
- Fernández-Ordóñez, Inés, 1999. «Leísmo, laísmo e loísmo», in: Bosque, Ignacio/Demonte, Violeta (ed.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa-Calpe, 1317-1397.
- García Mouton, Pilar, 2010. «El procesamiento informático de los materiales del *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* de Tomás Navarro Tomás», in: Aurrekoetxea, Gotzon/Ormaetxea, Jose Luis, *Tools for linguistic variation*, Bilbao, Universidad del País Vasco, 167-174.
- García Mouton, Pilar/Heap, David/Perea, Maria Pilar, 2012. «The present and the future of the *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI)», *Dialectologia, Special Issue, III*, 1-6.
〈www.publicacions.ub.edu/revistes/dialectologiasp2012/〉
- Magro, Catarina, 2007. *Clíticos: variações sobre o tema*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Sanchis Guarner, Manuel, 1953. *La cartografía lingüística en la actualidad y el atlas de la Península Ibérica*, Madrid.
- Sousa, Xulio, 2011. «Syntactic variation in varieties of Western Iberian Romance as seen in the ALPI data», *6th International Conference on Language Variation in Europe (ICLaVE)*, Freiburg, Junho.